

TRABALHO ESCRAVO

Valdenir Rezende



Crianças libertadas no interior do Mato Grosso do Sul: trabalho escravo em carvoarias e fazendas de semente

Índios são 60% dos casos no MS

Alexandre Botão
Da equipe do Correio

Os fiscais do Ministério do Trabalho, apresentaram ontem o relatório das investigações feitas em fazendas e carvoarias do Mato Grosso do Sul onde trabalhavam pessoas em condições subumanas.

A fiscalização em três fábricas de carvão e seis fazendas de semente encontrou cerca de 600 pessoas, 60% de índios, literalmente se matando de trabalhar. De domingo a domingo, sem saneamento básico, condições de segurança ou assistência médica. Em alguns casos até sem pagamento.

Todos os proprietários dos lugares visitados foram autuados

por aliciamento do trabalhador, omissão de socorro e fraude à legislação trabalhista. Somando tudo, os responsáveis podem pegar até 24 anos de prisão.

Lei — A Polícia Federal, apesar de todas as evidências, não conseguiu enquadrar as fazendas e carvoarias no artigo 149 do Código Penal: "redução à condição análoga de escravo".

Isso porque deveria caracterizar-se que o patrão tolhia a liberdade do empregado de ir e vir, o que não foi constatado nos depoimentos dos trabalhadores.

"Eles podiam sair quando quisessem, mas não havia transporte e a distância até a cidade mais próxima era em média de 100 km".

revelou o fiscal Leandro Ramalho. O percurso equivaleria a uma caminhada de Anápolis a Goiânia.

O médico da equipe, Alano Maranhão, trabalha como fiscal há quase 20 anos, mas ainda se revolta com situações como as do Mato Grosso do Sul: "É uma vitória rachada. Nós trouxemos muita gente, mas alguns ainda ficaram por lá".

Nas carvoarias, por exemplo, dos 400 "escravos" encontrados, apenas 50 quiseram carta de alforria.

Mas se depender da boa vontade do Ministério, o trabalho escravo no Brasil terá fim. Esse mês, mais sete equipes saem país afora à caça de locais que utilizem essa prática.